

## O NÓVO CENSOR

3.2.66

Rubem Braga

**N**ÃO conheço o sr. Jonatas Cardia, novo diretor do Serviço de Diversões Públicas e Censura do Estado da Guanabara, mas seu cartão de visitas é de meter medo.

Segundo nossos colegas do «Jornal do Brasil», o sr. Cardia disse que não permitirá a apresentação de peças anti-revolucionárias tipo «Opinião» ou «Liberdade, liberdade», nem tolerará propaganda subversiva ou comunista em espetáculos «pois essa não é a ideologia do governador e autoridades». O novo censor disse que, se no governo Lacerda, já se achava ruim o rigor da censura, vai ser muito pior no governo Negrão, pois «numa era moderna e civilizada não é decente ir ao teatro com moças e senhoras para ouvir nomes feios».

Que o governador não é comunista, já sabíamos: é homem do antigo PSD. Não é preciso que, para provar isso, o sr. Cardia faça uma censura pior que a do passado. Não sabemos o que ele considera «anti-revolucionário» ou «comunista», mas sabemos que a filosofia da censura é «em caso de dúvida contra o réu», isto é, contra o autor.

Os dois espetáculos citados «Opinião» e «Liberdade, liberdade», foram assistidos por muitos milhares de pessoas, e não produziram nenhuma revolução nem anti-revolução. Serviram, pelo contrário, de desafogo a uma grande parte do público, que se sentia muito justamente oprimida pelo ambiente de perseguições e obscurantismo criado pela situação. A permissão desses espetáculos foi um ato de inteligência do regime, tal como a liberdade de imprensa.

E' contra esse ato de inteligência que se declara o sr. Cardia; o que ele se propõe a fazer em nome da revolução é a estupidez vulgar de todos os regimes fascistas.

Quanto aos nomes feios, eles acontecem com frequência no teatro moderno, como aconteciam no tempo do sr. William Shakespeare. Ninguém é obrigado a levar senhoras nem senhoritas a ouvi-los; se a delicadeza de sentimentos do sr. Cardia é tão grande, propomos que ela faça inserir no programa advertências: «peça imprópria para ouvidos delicados» ou «tem palavrão», ou «xinga nome de mãe». Mas não pretender proibir que o teatro retrate a vida moderna, irremediavelmente, cheia de nomes feios.

O Rio de Janeiro é uma cidade de 400 anos e não um internato de menores. Coibir cenas ou palavras fortes no rádio e na televisão, que penetram nos lares, é compreensível. No teatro para adultos é apenas uma tolice. Parece que vem por aí tolice muita.